

Teoria Crítica e Reificação: Amnésia Social e Esquecimento do Outro

Critical Theory and Reification:
Social Amnesia and Forgetting the Other

Dalmo Cavalcante de Moura
(Universidade Federal de Alagoas, Brasil)

Anderson de Alencar Menezes
(Universidade Federal de Alagoas, Brasil)

Resumo

A Reificação começa a ser problematizada na Teoria Crítica na década de 1930. Na atualidade Axel Honneth vem problematizando-a através da Teoria do Reconhecimento. Assim, a relação agora passa a ser pelos critérios da possibilidade de promover os direitos dos vários grupos sociais e sua formação identitária. Por outro lado, Paulo Freire também trata da Reificação, enquanto impossibilidade do oprimido de pronunciar o mundo. Portanto, nosso texto está delimitado por uma pesquisa bibliográfica e procura buscar as semelhanças entre os autores, o que sugere o potencial de diálogo entre Honneth e Freire acerca da Reificação. o artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica a partir do desenvolvimento do doutorado. Nessa discussão, podemos afirmar que a Reificação em Honneth e Freire tem uma relação aproximada e que é preciso um aprofundamento da temática em discussão.

Palavras-Chave: Reificação. Teoria Crítica. Reconhecimento.

Abstract

Reification begins to be problematized in Critical Theory in the 1930s. Currently, Axel Honneth has been problematizing it through the Theory of Recognition. Thus, the relationship is now based on the criteria of the possibility of promoting the rights of various social groups and their identity formation. On the other hand, Paulo Freire also deals with Reification, as the impossibility of the oppressed to pronounce the world. Therefore, our text is delimited by a bibliographical research and seeks to seek similarities between the authors, which suggests the potential for dialogue between Honneth and Freire about Reification. the article is the result of a bibliographical research from the development of the doctorate. In this discussion, we can state that the Reification in Honneth and Freire has an approximate relationship and that it is necessary to deepen the topic under discussion.

Keywords: Reification. Critical Theory. Recognition.

1 Introdução

O presente trabalho pretende discutir a atualidade do conceito de Reificação na tradição do pensamento da Teoria Crítica, bem como a relação dessa temática com Paulo Freire. O conceito de Reificação é ampliado com Axel Honneth (2018, p. 11)¹ ao fundamentar que tal conceito, não diz respeito apenas aos aspectos econômicos. Essa importante categoria tem uma relação para além do potencial de dominação, tendo em vista que a mesma, não está ligada as formas de violência e coerção (divisão de classes, genocídios, guerras), porém está em sua forma contemporânea, vinculada a comportamentos cotidianos que são mais sutis do que isso.

Por outro lado, em Freire (1987, p. 16)² há um processo de desumanização do homem que é ao mesmo tempo ontológico e histórico. Nesse sentido, esse problema da desumanização, implica que os homens são seres inconclusos.

Nesse contexto, percebemos algumas relações possíveis entre Honneth (2009, 2018) e Paulo Freire (1987) acerca da Reificação. A superação da dualidade opressor-oprimido é na verdade uma crítica efetiva a sociedade Reificada, segundo Freire (1987, p. 17) os oprimidos precisam reconhecer-se enquanto sujeitos que querem Ser Mais. Outro traço marcante dessa relação é o potencial de solidariedade real entre a humanidade liberta da Reificação nos autores sociais.

¹ Axel Honneth (1949-) é um filósofo, sociólogo alemão que atualmente é o diretor do Institut für Sozialforschung (Instituto de Pesquisa Social) da Universidade de Frankfurt. A temática da Reificação é problematizada enquanto esquecimento do Reconhecimento. Assim, vai além de sua concepção original da década de 1930 na Teoria Crítica.

² Paulo Reglus Freire (1921-1997) é educador e filósofo Estado do Recife/Brasil. A temática em Freire se relaciona com o direito da pronuncia do mundo pelo oprimido que é aquele que tem seu direito negados pela própria educação em sua forma bancária, onde o aluno/a só memoriza os conteúdos sem problematiza-los.

Dessa forma, promover uma educação que busca a restauração da intersubjetividade é na nossa concepção uma articulação para problematizar a Reificação tanto em Honneth (2018) quanto em Freire (1987), segundo Freire (1987, p. 31):

É como homens que os oprimidos têm de lutar e não como “coisas”. É precisamente porque reduzidos a quase “coisas”, na relação de opressão em que estão, que se encontram destruídos. Para reconstruir-se é importante que ultrapasse o estado de quase “coisa”. A ultrapassagem deste estado, em que se destroem, para e de homem, em que se reconstroem, não é a “posteriori”. A luta por esta reconstrução começa no auto-reconhecimento do homem destruído.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira parte discutimos na introdução as linhas gerais do texto. É possível um diálogo entre Honneth e Freire? Honneth busca a partir da Teoria Crítica atualizar a Reificação para além das aspectos econômicos de sua origem na Teoria Crítica da Primeira Geração. Já em Freire (1987, p. 31) a temática se desenvolve através do potencial que a educação tem em promover a descoberta e a pronuncia do mundo. Na segunda parte discutimos a tradição da temática Reificação na Teoria Crítica. Nesse sentido, está delimitada por questões do Reconhecimento e suas esferas trazidas por Honneth (2009, p. 18). Na terceira parte trazemos as relações possíveis entre Honneth (2009, 2018) e Freire (1987) na questão da Reificação. Portanto, qual é o sentido de uma educação que não promove a fala, o discernimento e a problematização? Diante dos novos cenários sociais que vivemos os dois autores contribuem para uma educação mais próxima da

realidade. Nesse sentido, acreditamos em algumas intersecções entre Honneth (2009, 2018) e Freire (1987).

2 A Tradição do Conceito de Reificação

A primeira formulação de Reificação na Teoria Crítica é fundamentada por Georg Lukács (1885-1971)³ em sua obra: *História e Consciência de Classe*, publicada inicialmente em (1923).

Essa primeira fundamentação é oriunda da junção do pensamento de Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920). Nesse início, a Reificação ficou marcada pelos aspectos racionalistas e generalistas. Assim, Lukács (HONNEHT, 2018, p. 8) fundamentou o conceito de Reificação atrelado a questão da racionalidade. Essa estrutura de pensamento deve ser problematizada para que possa dá conta do contexto atual. Dessa forma, a explicação da Reificação, só foi possível para Lukács (HONNETH, 2018, p. 10) quando conseguiu juntar o fetiche da mercadoria (Marx)⁴ e a racionalidade (Max Weber)⁵ para observar que a consequência dessas duas categorias, criou um novo padrão de comportamentos, mas não foi qualquer padrão inofensivo, foi o comportamento indiferente e egoísta que ao final potencializa a Reificação. Na concepção de Lukács (HONNETH, 2018, p. 10) há três dimensões dessa realidade Reificante.

³ Gyögy Lukács (1885-1971) é um filósofo e historiador literário húngaro marxista, foi membro da primeira Geração da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt). A concepção de Reificação em sua compreensão é delimitada pelos aspectos econômicos o que traz algumas limitações aqui problematizadas.

⁴ O fetiche da mercadoria faz parte do conjunto de categorias de Karl Marx, a relação aqui é importante porque ao consumir mercadorias, ou seja, coisas, o próprio homem também de forma alienada pelo trabalho deixa de ser um ser pleno e passa a ser um sujeito coisificado.

⁵ Por outro lado, Max Weber vai trazer o conceito de Razão Instrumental que através da racionalidade moderna vai instrumentalizar o homem, afastando a criatividade e subjetividade. Nesse sentido também tornando-o uma coisa.

A Primeira acontece com a troca de mercadoria. Assim, o mundo é percebido apenas como uma “coisa”. Esse mundo como uma “coisa” permite o acúmulo do lucro. Nesse momento, as relações pessoais também passam a tornar-se interações sociais com sujeito que são agora “objetos”. Por último todas as faculdades e qualidades pessoais são nesse momento “recursos” para a potencialidade do cálculo das oportunidades de lucro. As relações com determinação ao lucro vão trazer um impacto nas relações pessoais que vão impossibilitar a humanização dessas mesmas relações.

Para além desse modelo buscando uma resposta, não na delimitação econômica, mas na atitude intersubjetiva, Honneth (2018, p. 13) vai problematizar a concepção de Reificação. Essa atitude intersubjetiva vai promover no pensamento honnethiano a facilidade de desenvolver uma Teoria do Reconhecimento. Assim, a problemática da Reificação é compreendida como o esquecimento do Reconhecimento.

Portanto, Lukács (HONNEHT, 2018, p. 27) fundamenta sua concepção de Reificação a partir de Marx. Sendo assim, em linhas gerais, a Reificação significa que as relações entre pessoas passam a assumir um caráter de coisificação (*Dinghatigkeit*). Tal Reificação é então, um processo em que os sujeitos percebem o mundo e as pessoas como coisa. Nesse sentido, a lucratividade e o cálculo é o critério das relações humanas, segundo Honneth (2018, p. 32):

Enquanto causa social para a perpetuação e propaganda da reificação, Lukács admite somente a ampliação da troca de mercadorias, que se tornou o modo dominante de ação intersubjetiva com o estabelecimento das sociedades capitalistas; tão logo os sujeitos começam a regular suas relações

com seus próximos primariamente por meio da troca de mercadorias equivalentes, eles são obrigados a se pôr em relação reificante com seu mundo circundante; pois não podem mais deixar de perceber os elementos de uma dada situação unicamente do ponto de vista do benefício que poderiam obter em prol de seu próprio cálculo utilitário egocêntrico.

Dessa forma, a Reificação organiza o comportamento dos sujeitos, enquanto meramente observador do mundo circundante e das relações sociais e as capacidades humanas são apreendidas apenas como indiferença, ou seja, um modo neutro dos afetos.

Nesse sentido, o direito a palavra como sugere Freire (1987, p. 32) ou seja, a capacidade de dizer o mundo, de perceber esse mesmo mundo é negada. Portanto, há a promoção da invisibilidade dos sujeitos (neutralidade dos afetos) que também são falantes, compreendem e experenciam o mundo. Aqui, é possível percebermos uma aproximação entre Freire (1987) e Honneth (2018). O caráter de negação da subjetividade, a interiorização do pensamento do opressor que determina a identidade do sujeito como uma coisa. Nesse contexto, há um distanciamento da vida, negação da vida e sua dialética.

Um ponto de encontro entre a Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia do Reconhecimento é que ambas fazem uma denúncia da falta de perspectiva da formação da identidade e ao mesmo tempo, uma busca para problematizar a negação da opressão, ambas buscam sobretudo, o esvaziamento e invisibilidade dos excluídos das políticas públicas de educação, econômica, culturais e sociais.

Nesse contexto, podemos identificar três movimentos que se articulam entre tais pensadores. O primeiro seria a esfera do amor em Honneth (2009) que em Freire (1987) surge como um humanismo pedagógico, já a esfera do direito em Honneth (2009), surge em Freire (1987, p. 36) como o processo histórico que tem como consequência o reconhecer-se, e por último a questão da solidariedade, que em Freire (1987, p. 37) é o compromisso primeiro consigo e depois com os outros, segundo: Lima; Llavador (2020, p. 113): “O reconhecimento, para Honneth (1997), é um elemento de construção de identidade e de autonomia dos sujeitos através das relações empreendidas por eles (experiências) e pelos modos os quais produzem conhecimento e confirmam sua natureza social”. A negação do Reconhecimento implica uma serie de desrespeito, impossibilitando a formação do sujeito em suas percepções de direito, cognição, autoestima, imagem positiva de si.

Essa primeira esfera tem seu início na própria existência corporal desde a criança e a necessidade de cuidados e atenção, o que traz como consequências as relações físicas e emocionais que estão presente na convivência com a família, maternidade, paternidade em fim toda as relações humanas. Essa primeira esfera do amor promove a auto-confiança, autoafirmação, que são essenciais ao bom desenvolvimento dos vínculos humanos, tais quais: autoconfiança e autonomia. Por outro lado, em Freire (1987, p. 42) essa mesma esfera do amor, é percebida no inacabamento do homem. Assim, é na socialização que o homem tem a capacidade do sentimento do amor, enquanto Reconhecimento do outro sujeito e suas relações estéticas, culturais e sociais.

Portanto, não há possibilidade de formação humana ou Reconhecimento fora da sociedade, do diálogo com o outro. Essa percepção do outro assegura o esforço para buscarem o respeito, igualdade, liberdade num diálogo constante. Ou seja, a esfera do amor é possibilitar ao outro o direito de pronunciar o mundo. Já a esfera do direito se relaciona a questão do ordenamento jurídico que determina o homem como um ser que cumpre normas, padrões e limites nas relações sociais. Para Honneth (2003, p. 24) a relação com o direito é ampliada pela relação da reciprocidade com o outro, portanto, diz respeito aos direitos coletivos. Nesse sentido, a relação do direito está delimitada na Teoria do Reconhecimento as relações afetivas, simpatia e emoções.

A Esfera do direito em Honneth (2009, p. 24) está articulado aos direitos universais e as suas abrangências econômicas, social e cultural. Dessa forma, as lutas sociais acontecem tendo como origem essa articulação dos direitos, liberdades e responsabilidades. Já em Freire (1987, p. 45) há uma luta ideológica que também é política, ética e pedagógica. O direito não está limitado a jurisdição, mas a toda a necessidade cotidiana do ser humano: comer; se vestir, dizer a palavra, trabalhar, e sobre tudo, o direito a participação na democracia para superação da dualidade opressor/oprimido. Assim, os opressores, quando tem seus direitos negados também são oprimidos, embora não reconheçam a contradição existente. Essa opressão a qual os opressores vivenciam ao perder seus direitos é a constatação de que os oprimidos são coisas e ao ser negado seus direitos de oprimir, também passam ser parte do grupo dos oprimidos. É dessa peculiar constatação que os oprimidos querem também ser parte dos opressores. Portanto,

através dessas duas esferas a do amor e a do direito é possível alcançar a reciprocidade e a positividade para reconhecer a estima social mútua que é a solidariedade.

Assim para que a esfera do amor e do direito sejam efetivas precisam de uma articulação que permita ultrapassar a problemática do mérito. Essa superação do mérito permite pensar as relações humanas para além da competição e da concorrência.

Nesse aspecto de solidariedade em Freire (1987, p. 49) trata de uma educação popular, humana que promova a transformação social, a promoção da prática libertadora que favoreça a justiça social. Dessa forma, a solidariedade só pode acontecer através do diálogo na comunhão com o outro.

Portanto, os dois autores tratam de maneira diferente da mesma coisa. Ou seja, em Freire (1987, p. 50) a afirmação do direito a pronuncia do mundo, da realidade, do está junto para construir e transformar realidades, pois os sujeitos são seres históricos. Já em Honneth (2009, p. 44-45) problematiza o sujeito a partir de uma proposta de afirmação e de transformação social individual e social, segundo Lima; Llavador, 2020, p. 118):

Em Freire, o movimento afirmativo está no pronunciamento do mundo (recorrente em toda a sua obra) e isso se concretiza em sua luta por libertação, humanização, luta por estar em comunhão com os outros, pois, "é fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo.

Portanto, está no mundo significa se apropriar desse mesmo mundo, ter a consciência do que a realidade é e perceber suas contradições. No mesmo sentido o

movimento de afirmação do sujeito, se dá no Reconhecimento do outro e que permite reconhecer também a si mesmo no processo de integração. Assim, o pensamento freiriano e o honnethiano convergem para o mesmo sentido para além da adaptação, acomodação ou qualquer forma de ajuste nas esferas de contato em que os sujeitos se relacionam. Nesse contexto que convergem através da solidariedade que é uma construção social coletiva, onde cada um desenvolve a estima social pelo outro. Outra convergência é o sentido muito aprofundado da experiência social, ela abrange outras perspectivas de vida, outras narrativas, outros questionamentos diante das dificuldades da vida.

Numa sociedade, onde não se articulam as categorias amor, justiça e solidariedade o que existe é uma valorização negativa, desprezo social e esvaziamento de si. Ou seja, não há possibilidade de criar para si mesmos uma concepção positiva. A consequência desse desprezo é: concorrência; competição; humilhação; conceito negativos de si; concepção pejorativa acerca do outro e desprezo. O desprezo é uma categoria que relaciona teoria e prática cotidiana na realidade. O desprezo é a falta de Reconhecimento do outro, dos grupos sociais que têm as suas identidades violadas, esquecidas e silenciadas, segundo Freire (1987, p. 51):

Ao se separarem do mundo, que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmos, ao terem o ponto de decisão de sua atividade em si, em suas relações com o mundo e com os outros homens ultrapassam as “situações limites”, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, mais além dos quais nada existisse.

Nesse contexto, há outra articulação possível em

relação ao desprezo. Em Freire (1987, p. 52) o desprezo se relaciona com a falta da liberdade e o impedimento da dignidade. Já em Honneth (2009) o desprezo se articula com a integridade e a moral do homem que servem de fundamentação ao Reconhecimento. Dessa forma, Freire (1987) e Honneth (2009) se preocupam com o homem e seus direitos e sobre tudo ao pertencimento do mundo. Portanto, o não Reconhecimento traz como consequência a condição de oprimido, tal opressão é compreendida como a impossibilidade de participar da vida: econômicas; social, histórica e cultural. Essa opressão em Freire (1987, p. 58) impede o sujeito de ser crítico, consciente e transformador de sua própria condição histórica. As condições de desprezo seguem um quadro de negação da vida: maus tratos, ausências de direitos, desonra e esquecimento, segundo Honneth (2018, p. 38):

Pois se com o conceito de reificação não estamos nos referindo nem meramente a um erro categorial epistêmico, nem a uma conduta moral impropria, então resta por fim simplesmente considerá-lo uma forma de práxis deficiente em seu todo; Lukács procura compreender a reificação como o comportamento indiferente e observador que forma um conjunto de costumes e atitudes e atenta contra as regras de uma forma mais originária ou melhor de práxis humana.

Em Freire (1987, p. 60) a falta do Reconhecimento favorece o impedimento da codificação do mundo e impede a construção das histórias, consciência que permitem a formação de uma personalidade crítica e livre. Portanto, a Reificação impedi a valorização e o Reconhecimento do outro, enquanto capacidades humanas de atuar no mundo. Assim, a perda dos direitos

implica a despossessão dos processos formativos da sociedade. Ou seja, essa despossessão cria as exclusões. Já em Freire (1987, p. 70) essa exclusão impossibilita a hominização do ser, impedindo de Ser Mais. A luta pelos Reconhecimento contra a Reificação é uma luta em que consiste tomar posse dos direitos.

Nesse sentido, Honneth (2009, p. 46) discute com Heidegger. O Cuidado em Heidegger permite, libertar a concepção moderna de sujeito-objeto, já que pensado para além desse paradigma, o sujeito não se colocaria mais de maneira neutralizada diante do mundo.

Mas, o erro é que Heidegger e Lukács (HONNETH, 2018, p. 46) desenvolvem um quadro de interpretação falso, um véu ontológico do qual se esconde a facticidade. No entanto, a resposta de Heidegger para a questão nunca se aproximou da teoria social, mas encontrou resposta na Ontologia⁶, segundo Honneth (2018, p. 46):

O conceito que Heidegger utiliza para caracterizar a estrutura de tal relação prática é o de “cuidado” [Sorge]; esse conceito permite que se estabeleça uma ponte com as reflexões que se encontram em Lukács no momento em que este procura encontrar um conceito ampliado de práxis em contraste com o comportamento meramente contemplativo.

Dessa maneira, Heidegger e Lukács (HONNETH, 2018, p. 46) criam a alternativa da preocupação e do interesse existencial. Mas, como alcançar a consciência de classe sem delimitar quais são os hábitos falsos? A consciência de classe, não passa pela categoria da moral, mas está delimitada pela constituição de uma postura e

⁶ Martin Heidegger vai desenvolver um pensamento ontológico para restituir novamente o debate sobre o Ser. Para ele há um esquecimento do Ser, ou seja, o esquecimento do estudo do Ser.

hábitos falsos. Uma das questões mais importantes é a perspectiva do participante e a perspectiva do observador. Assim, no participante há uma atitude comunicativa e intencional que começa de modo categorial e numa atitude zelosa, antes de qualquer envolvimento emocional. Para as discussões é preciso trazer as contribuições de Dewey (1859-1952)⁷.

Dewey (HONNETH, 2018, p. 55) vai refletir a questão da apreensão da realidade ligada a uma forma holística de experiência. Nessa experiência holística, todos os dados estão abertos qualitativamente para nós, a partir do engajamento interessado. Portanto, a atitude cognitiva requer primeiramente uma relação de reconhecimento do mundo. O modelo adotado por Dewey (HONNETH, 2018, p. 59), também visa uma crítica a relação tradicional sujeito-objeto. Tendo em vista, que esse modelo implica dominação, o que traz como consequência a distância cada vez maior entre teoria e prática e ciência e arte.

A essa forma originária de se relacionar com o mundo é para Honneth (2009, p. 85) o Reconhecimento. A atitude que exercemos diante do mundo, não é de passividade, mas uma atitude zelosa e existencial. É essa atitude zelosa e existencial que promove todas as formas valorativas da qual nos relacionamos com o mundo. Portanto, a Reificação é um resultado que acontece pelo esquecimento do Reconhecimento. Sem a perspectiva do Reconhecimento (amor, autoestima direito), o indivíduo perde sua capacidade de engajamento interessado e passa apenas a reproduzir certo distanciamento perante as coisas e o outro. A Reificação é uma amnésia, segundo

⁷ Dewey reflete que os dados de uma experiência estão em aberto numa perspectiva de engajamento. Portanto, de maneira diferente se refere ao reconhecimento prévio do mundo.

Honneth (2018, p. 87):

É nesse momento do esquecimento, da amnésia, que eu gostaria de estabelecer como chave de uma nova definição do conceito de “reificação”: na medida em que na efetuação de nosso conhecimento perdemos o vestígio de que este se deve à nossa adoção de uma postura de reconhecimento, desenvolvemos a tendência de perceber os outros seres humanos meramente como objetos insensíveis.

Sendo assim, no próximo tópico buscaremos fazer uma articulação entre Reificação de Honneth (2009) e o sentido de coisa (Reificação) em Paulo Freire (1987).

3 A Reificação e a Relação com a Pedagogia do Oprimido

No primeiro capítulo de Pedagogia do Oprimido é tratada a justificativa dessa proposta de pedagogia. O homem tem um desafio que é reconhecer que sabe pouco de si mesmos e que na realidade é um Ser inconcluso, segundo: Menezes, Amorim, Matias (2018, p. 207):

Freire (2005) compreende as relações na ótica do existencialismo, em que se tem a percepção de que somos seres imersos em um mundo, não meras ontologias abstratas, mas seres históricos compreendidos por uma dimensão antropológica, marcados pela historicidade da existência.

No processo de conhecimento é negada a vocação dos homens em exercer sua própria humanidade. A questão crucial assim, é que a classe oprimida possa libertar a si e aos outros da opressão e consigam libertar-se da distorção de ser menos e alcance Ser Mais. Portanto, os oprimidos não conseguem estabelecer uma articulação entre o real e sua condição de desumanidade. Assim, o

oprimido guarda dentro de si a simpatia pelo opressor: interesses, modos de vida, cultura, história. Nesse contexto, o oprimido é o hospedeiro do opressor e sua consciência é coisificada, segundo Menezes, Amorim, Matias (2018, p. 209):

Na abordagem sobre a contradição, opressores-oprimidos e sua superação, o autor argumenta que a liberdade, tanto do oprimido quanto do opressor, não ocorrerá por acaso, ela deve ter origem na ação do oprimido que, tomando consciência da opressão, deverá conduzir os processos de humanização.

Assim, a consciência reificada, ou seja, tornada coisa não tem a capacidade que essa aderência faz do oprimido instrumento de sua própria opressão. Isso também se deve que a concepção que o oprimido tem de si é sempre negativa. A autoestima a qual Honneth (2009, p. 218) se refere possibilita uma descoberta de si, enquanto imagem positiva de um ser humano que é também reconhecido.

Nesse processo descrito pela obra: *Pedagogia do Oprimido* (1987, p. 71) a mediação oprimido-opressor é a capacidade de prescrição do opressor. A luta para se libertar começa pela expulsão do opressor de dentro de si mesmo.

Dessa forma, a realidade é uma construção social, não é resultado do acaso, por isso que a pedagogia do oprimido é a pedagogia do homem intimamente solidário na intersubjetividade. A cognição para conhecer e dominar o mundo da vida, não é atributo herdado, um direito exclusivo e intocável. Essa condição faz dos oprimidos uma coisa, ao transformar o mundo e as pessoas em coisas inanimadas, ou seja, sujeitos reificados de um mundo reificado. A Reificação não diz respeito no

pensamento honnethiano apenas aos aspectos econômicos, tem relação com esse pensamento freireano de pensar, agir e expressar no mundo dos indivíduos dotados de cognição para interpretar o mundo. segundo Freire (1987, p. 72):

Se, na educação como situação gnosiológica, o ato cognoscente do sujeito educador (também educando) sobre o objeto cognoscível, não morre, ou nele se esgota, porque, dialogicamente, se estende a outros sujeitos cognoscente de tal maneira que o objeto cognoscível se faz mediador da cognoscibilidade dos dois na teoria da ação revolucionária se dá o mesmo.

Esse processo de consciência não é de neutralidade dos sujeitos. A Reificação em Honneth (2018, p. 89) está delimitada pela percepção do mundo e suas implicações. Esse mesmo mundo que é social, é por assim dizer mais amplo do que apenas os aspectos econômicos. Essa Reificação é o que no pensamento de Honneth (2018, p. 89) silencia as contradições existentes na realidade.

Uma consciência específica como a consciência reificada é incapaz de tornar sujeitos seres dotado de capacidade humanas e torna-os coisa. Dessa maneira, o processo de conhecimento só pode acontecer de maneira prévia. Assim, o ato de conhecer é antes de tudo um reconhecimento prévio, segundo Honneth (2018, p. 89): “Portanto, reificação no sentido de um “esquecimento do reconhecimento” significa deixar de dar atenção ao fato de que, na efetuação do conhecimento, o próprio ato do conhecer é tributário de um reconhecimento prévio”.

No pensamento freiriano percebemos uma relação mais aproximada com Honneth (2018, p. 93) por ele se preocupar com a: cognição, reflexão e entendimento do

mundo que abrange o econômico, mais também o processo formativo da consciência. Esse processo cognitivo se apresenta na problemática do afastamento da sloganização; relação humana antidialógica e domesticação.

É preciso que o oprimido se perceba nessa condição reificada (coisa) e desenvolva a capacidade de ação cultural e autolibertação para além do convencimento instituído na sociedade e suas relações opressoras.

A educação problematizadora busca desafiar o aluno/a na procura constante de apropriação do mundo. Esse processo é marcado pela simultaneidade de consciência e mundo. O reconhecimento de si permite a construção de indivíduos, enquanto investigadores críticos. Nesse sentido, conhecer é sobretudo a capacidade de desafiar-se e admirar-se. Para contrapor essa condição é preciso criar possibilidades de ultrapassar a dualidade educador-educando, pois o processo de conhecimento é amplo e não tem relação com autoridade, mas mediações, intercomunicações e entendimento dialógico.

Portanto, a educação que busca o diálogo concede a palavra, cria uma unidade entre palavra e realidade. Essa palavra se solidariza com o mundo, participa do mundo, ou seja, tem uma verdade. No entanto, Freire (1987, p. 75) ressalta que essa palavra não deve ser ativismo da ação pela ação. O direito a palavra é sobretudo uma palavra reflexiva.

Portanto, a Reificação torna os sujeitos silenciados de si mesmos. Dessa forma, educação não é instrumentalização do homem em coisa, mas sobretudo comunicação intersubjetiva do mundo. Nesse sentido, educação é também encontro de sujeitos falantes e pensantes. Esse diálogo tem na busca da fé e do amor a

possibilidade da solidariedade entre mundo-homem. É preciso resgatar a capacidade humana de se admirar, questionar o mundo, segundo Freire (1987, p. 77):

O diálogo com as massas não é concessão, nem presente, nem muito menos uma tática a ser usada, como a sloganização o é, para dominar. O diálogo como encontro dos homens para a "pronuncia" do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização.

Assim, pensando a educação que busca o diálogo e favorece a admiração, o desafio é conseguir problematizar o mundo e a vida. A Reificação de Honneth (2018) e de Freire (1987) busca problematizar o sujeito para além da concepção de coisa.

As instituições de ensino são os lugares de formação íntima e coletiva que precisam de uma atenção para essas questões aqui levantadas. As violações de Reconhecimento trazem um desencadeamento para todo o processo de vida daqueles que são desrespeitados, segundo Tomasi (2014, p. 17):

Uma pedagogia do reconhecimento que busca a formação de pessoas autônomas e com possibilidades de emancipação exigiria ir além das premissas individualistas do liberalismo, onde todos competem contra todos e só os melhores vencem. Torna-se decisivo levar em conta o princípio da liberdade cooperativa onde o reconhecimento é claramente vinculado a um papel formativo, ou seja, que a busca de autorrealização é concedida com o resultado de um processo de autoconstituição intersubjetiva do ser humano.

A reflexão acerca da Reificação não tem a delimitação do econômico, ela se relaciona com uma apropriação do pensar, da fala de si mesmo.

A educação viva é aquela que vai em direção aos anseios, dúvidas, esperanças e desesperança. Nesse sentido, a educação não deve promover a distinção entre homem/mundo e homem/homem.

Considerações Finais

Ambos os autores compreendem os sujeitos e suas contradições na realidade. Ou seja, tanto o pensamento honnethiano quanto o freiriano desenvolvem uma compreensão de mundo e sujeito que não é idealizada. Portanto, compreendem a Reificação como grande responsável pelo distanciamento provocado pela negação da própria vida e suas várias demandas. Nesse sentido, é preciso observar as contradições existentes e promover a leitura do mundo, a observação das novas demandas que são impostas pela realidade não idealizada. Isso requer a observação sensível e aprofundada dos conflitos sociais e a necessidade do Reconhecimento. Essa necessidade não nega os aspectos econômicos, mas coloca novas perspectiva de entendimento ao abordar também os direitos subjetivos da formação identitária, dos problemas dos vários grupos sociais que vivem numa sociedade e suas diferenças.

Nesse percurso então muitas narrativas, experiências são deslocadas para o esquecimento ou a invisibilidade. Assim, um diálogo entre Honneth e Freire faz-se necessário pela profundidade como enfrentam o problema da Reificação e suas nuances criando um quadro de aproximações possíveis, sem deixar de perder a especificidade de cada autor.

Referências

BECKA, M. (2017). Reconocimiento como base de la interculturalidade – hacia una práctica libertadora. In: G. Sauerwald y R. Salas Astrain [Eds]. **La Cuestión del reconocimiento em América Latina: perpspectivas y problemas de la teoria político-social de Axel Honneth**, Zürich:LIT.

BRESSIANI, N. (2010). **Economia, cultura e normatividade. O debate de Nancy Fraser e Axel Honneth sobre redistribuição e reconhecimento**. Dissertação de mestrado defendida no Departamento de Filosofia da USP, sob orientação do prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra. São Paulo.

DERANTY, J. (2009). **Beyond Communication: A Critical Study of Axel Honneth's Social Philosophy**. Leiden, Boston Brill.

DEWEY, J. (2014). **Democracia y Educacion**. Madrid: Ediciones Morata, SL, 2014.

DEWEY, J. (1980). **Os pensadores: Experiência e natureza; Lógica- a teoria da investigação; A arte como experiência; a vida e educação; a teoria da vida moral**. Abril Cultural, São Paulo.

FRASER, N; HONNETH; A. (2003). **Umverteilung oder Anerkennung?** Frankfurt: Suhrkamp.

FREIRE, P. (2000). **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora: UNESP, 2000.

FREIRE, P. (1987). **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HEIDEGGER, M. (2015). **Ser e tempo**. São Paulo: Vozes.

HONNETH, A. (1997). **La lucha por el Reconecimiento: por una gramática moral de los conflictos sociales**. Barcelona: Espanâ: Novagrâfik. 1997.

- HONNETH, A. (2009). **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34.
- HONNETH, A. (2018). **Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento**. São Paulo: Editora Unesp.
- LIMA, Suely Francisco das Chagas Galvão de; LLAVADOR, J. B. (2020). **Perspectiva da pedagogia do oprimido à pedagogia do reconhecimento: Um diálogo entre o pensamento de Paulo Freire e Axel Honneth**. *Creativity and Educational Innovation Review*, n. 4, 2020, ISSN 2603-6061. DOI 10.7203/CREATIVITY.4.19181. Acesso: 10/05/2021.
- LUKÁCS, G. (2019). **História e consciência de classe**. WMF Martins Fontes, São Paulo, 2019.
- MENEZES, A. de A; AMORIM, R. M de; MATIAS, W. (2018). A Obra "Pedagogia do Oprimido" de Paulo Freire: Alguns itinerários para (re) pensar o ensino de filosofia da educação. *In: LOPES, Jorge, AMORIM, Roseane Maria de. PAULO FREIRE: Culturas, ética e subjetividade no ensino e aprender*. João Pessoa: Editora do CCTA.
- TOMASI, R. (2014). **A teoria do reconhecimento de Honneth e as contribuições para os processos educativos**. X ANPED SUL, Florianópolis.

Dalmo Cavalcante de Moura

Formado em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente exerce a função de professor do curso de Licenciatura da Facesta (Faculdade São Tomás de Aquino) e Doutorando no Centro de Educação (CEDU/UFAL) Membro do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica: Emancipação e Reconhecimento.

E-mail: modal.moura@gmail.com

Anderson de Alencar Menezes

Formado em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, Bacharel em Teologia pelo Centro Unisal, Campus Pio XI (São Paulo), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto/Portugal. Atualmente é professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) do Centro de Educação (CEDU). Coordenador do Grupo de pesquisa Teoria Crítica: Emancipação e Reconhecimento (TECER) e Coordenador do Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação e Ensino de Filosofia (UFAL).

E-mail: anderufal@gmail.com

Submetido: 21/08/2021

Aprovado: 10/09/2021